

O Ódio [La Haine] (1995) de Mathieu Kassovitz
Cine Clube, 3 de Março 2015, BIBLIOTECA, FCT/UNL
Christopher Damien Aurette

Em torno de *La Haine* [O Ódio] de Mathieu Kassovitz (1995): abundância e penúria nas cidades

“Ce film est dédié à ceux disparus pendant sa fabrication.” (Mathieu Kassovitz)

Noisy-le-Grand, Clichy-sous-Bois, dix-huitième arrondissement, Malik Oussekiné, Makome M’Bowole, Belkacem Belhabib, beur, banlieue, banlieuesard, “Vinz”, “Hubert”, “Saïd”... Eis um léxico algo inabitual para os nossos ouvidos. Quem fala aqui? O que diz quando fala? Dirige-se a quem? Reconhecemo-lo? Noutra plano de indagação, pergunta-se: quem fala por quem? Em nome de quê? Em termos sócio-políticos, quem escreve a história da cidade moderna a que (quase) todos pertencemos, seja Paris, seja Lisboa, seja Madrid, seja Londres, etc.? Quem detém o poder de dizer sim e não? Em termos metafóricos (e, portanto, assumidamente problematizadores ao nível da nossa vida inter-subjectiva), quem narra o imaginário da Cidade? Quanto às várias comunidades que coexistem e se confrontam no espaço urbano, qual é o preço a pagar para levantarem a sua voz, para salvaguardarem a sua auto-legitimação, para garantir a sua pretensão hegemónica, ou para simplesmente sobreviver nas artérias hostis da Cidade? Noutras palavras, quem pretende representar – sobre todos os outros, sejam estranhos, sejam vizinhos, sejam semelhantes, sejam a encarnação do *outro* – o real centro político da Cidade? Quem pretende deter o mapa da Cidade e da sua ordem perfeita? No tocante ao filme de Kassovitz, o espectador pergunta: Quem tem direito à cidade na República da *liberté, égalité e fraternité*? Serão aqueles, acima referidos, alguns dos quais perderam a vida em confrontos (as chamadas “bavures”) com a polícia? Sim e não. É efectivamente na cidade de Paris retratada por Kassovitz que a violência, o ódio e a morte separam e, em simultâneo, aproximam os cidadãos – estranhos, vizinhos e *outsiders*, imigrantes e migrantes, estrangeiros e *sans papiers* – numa triste abundância de conflito e incompreensão que será apanágio das cidades contemporâneas. Nelas, o discurso político dificilmente esconjura o mal (sem cair na demagogia, i.e., na instrumentalização da violência para fins politicamente interesseiros; ver, por exemplo, a respectiva caixinha mais abaixo onde se transcreve um excerto de uma carta endereçada por Kassovitz a Nicolas Sarkozy, na sequência do então Ministro do Interior ter feito declarações nos *media* de natureza inflamatória e, enfim, *odiosa* a respeito dos estranhos que habitam a periferia das cidades); nenhuma pedagogia soluciona (sem arriscar escolher a via do “politicamente correcto” e da compreensão simplista); e nenhuma obra artística compreende este mal-estar, este mal na *polis* a não ser na suspensão de toda a catarse apaziguadora, à semelhança do que acontece neste inteligentíssimo filme em foco aqui. O jovem realizador d’*O Ódio* (que realizara o seu primeiro filme, *Métisse*, dois anos antes) produz com este filme um território de cariz crítico e criativo, político e sociológico no meio de uma cidade-cela. Com efeito, problematiza a ideia (consabidamente inadequada) da cidade contemporânea como um organismo constituído por um único centro, de uma política produtora de um único saber e um único poder legítimos e uma periferia-circunferência que pacificamente orbita em redor desse centro administrativo e regulador de corpos e almas. Não: a cidade de hoje em dia, nesta obra fílmica cujos pressupostos conceptuais são rememorativos do pensamento do sociólogo Zygmunt Bauman (ver a respectiva caixinha mais abaixo), é a realização babélica de muitas identidades, todas elas em fluxo, em colisão, em contacto umas com as outras, de uma multiplicação de *ghettos* (ora dos ricos, ora da “underclass”), de territórios identitários e, por último, de dispositivos visíveis e invisíveis acarretando, ora a inclusão, ora a exclusão do *outro* no mapa soberano da cidade. A cidade contemporânea tem tantas fronteiras e abrange tantas fracturas que o cidadão se torna às tantas um estranho entre outros estranhos (a não ser que se isole em comunidades muralhadas onde se aceitam como vizinhos apenas os cidadãos semelhantes a si mesmo, tendo sido o *outro* exorcizado do imaginário e do quotidiano do cidadão receoso). Bauman afirma que a cidade contemporânea é, portanto, um organismo de natureza complexa e pouco estática, que é: 1) um “depósito de lixo”, onde os dilemas provocados pelo processo de globalização reemergem à escala local, onde, por conseguinte, as comunidades locais devem fazer frente a situações cuja proveniência e cuja natureza essas mesmas comunidades dificilmente conseguem regular por si sós; 2) um “campo de batalha”, onde a “mixofilia” e a “mixofobia”, i.e., o acolhimento (inclusão) ou a marginalização (exclusão) do *outro*, se regista de modo agónico; e 3) um “laboratório”, onde o *outro*, o estranho chega potencialmente a ser visto como uma expressão da condição humana lucidamente compreendida à luz da qual todos somos portadores de diferença(s), todos nós somos encarnações de fronteiras, todos nós pertencemos à cidade imaterial da humanidade em si.

O filme de Kassovitz merece ser considerado uma obra importante. O realizador Costa-Gavras assinala, por exemplo, que *O Ódio* constitui uma viragem na história do cinema francês, distanciando-se notoriamente da tradição da *Nouvelle Vague*, contribuindo, portanto, para a criação de um “new French realism” (ver a respectiva caixinha mais abaixo). Além disso, o estilo semi-documentário do filme, a presença de actores não-profissionais, a filmagem propositadamente *in situ* (o filme foi rodado na *banlieue* parisiense de Chanteloup-les-Vignes) e o entrosamento do discurso político, por um lado (que se revela gritantemente atávico, sobretudo, perante a realidade multi-étnica, economicamente desigual e, até, desesperada dos habitantes da cidade, bem como perante as causas historicamente complexas na origem da cidade contemporânea, sendo neste espaço humano onde tão inadequadamente se pratica e afina a política actualmente vigente) e da criação artística, por outro (eficaz na medida em que detecta o território humana para lá dos mapas oficiais do poder sem reduzir esse território a uma perspectiva hegemónica ou a uma narrativa explicativa monolítica) constituem a eficácia analítica e dramática d’*O Ódio*.

(Lembre-se de que o filme de Kubrick, *Laranja Mecânica* (1971), havia suscitado um debate político acérrimo, amplamente registado nos *media* de então, chegando o realizador a retirar o filme das salas de cinema inglesas na sequência de ocorrências de violência urbana cuja causa fora rapidamente atribuída por alguns ao visionamento do seu filme por certos jovens espectadores. Pelos vistos, uma obra artística, quando se trata de uma obra artística de grande inteligência, desestabiliza a opinião criada precisamente para ser manipulada, servindo ela, afinal de contas, os desígnios da instrumentalização política de momento. A obra de arte torna-se então o bode expiatório da *des-razão* (a violência normalizada) da ordem social.

Na modernidade contemporânea, somos todos os sujeitos e os objectos dos nossos saberes e dos nossos actos. Somos todos os alvos e os autores dos nossos medos. Somos todos os estranhos dos outros que recusamos ver no espelho. Somos todos, afinal, estranhos de e para nós mesmos. Enfim, resta-nos imaginar a cidade do futuro, a comunidade vindoura, a história cuja partitura se ouve ainda e quase exclusivamente na dissonância do ódio e da morte.

Tuesday, November 8, 2005

As much as I would like to distance myself from politics, it is difficult to remain distant in the face of the depravations of politicians. And when these depravations draw the hate of all youth, I have to restrain myself from encouraging the rioters. Nicolas Sarkozy, who has appeared in the media like a starlet from *American Idol* and who for the past few years has been showering us with details of his private life and political ambitions, cannot stop himself from creating an event every time his ratings go down. This time, Sarkozy (who last week described the rioters as “scum”) has gone against everything the French republic stands for: the liberty, the equality and the fraternity of a people. The minister of the interior, a future presidential candidate, holds ideas that not only reveal his inexperience of politics and human relations, but which also illuminate the purely demagogical and egocentric aspects of a puny, would-be Napoleon. (Mathieu Kassovitz a responder a uma carta da autoria de Nicolas Sarkozy, 2005)

“Mas, hoje, cada vez mais, ouvimos certas pessoas dizerem de outras que essas outras são supérfluas. Devemos observar aqui que o conceito de superfluidade não comporta qualquer promessa de um melhor estado de coisas possível, de remédio ou do subsídio. Não absolutamente nada. Quem é supérfluo é-o para sempre e nunca mais. Existe uma palavra cruel, inumana, inventada noa Estados Unidos, mas que se propagou coo um violento incêndio por toda a Europa: trata-se da palavra «desclassificado» [underclass]. Ser-se desclassificado significa simplesmente que se está fora do sistema de classe. (...) Ser-se desclassificado significa que se está fora, excluído, que não se serve para nada (...)”. (Zygmunt Bauman, *Confiança e Medo na Cidade*, p. 79)

With *La haine*, we are not mere spectators of character study and analysis, or of the dramas and joys of love or society. We are inside a world we choose to ignore in France, or that we present at best as an exotic curiosity and, more often, as a world of violence ruled by antisocial and lawless youth. Kassovitz offers us inspired realism, drawn from Italian neorealism. This is new French realism, a genre that was denied any form of recognition or study. (Costa-Gavras, “A Metaphor for our World”)

PORTAIS EM TORNO DO FILME (1995):

- <http://www.imdb.com/title/tt0113247/>
- http://en.wikipedia.org/wiki/La_Haine
- <http://web.stanford.edu/group/SHR/5-2/sussman.html>
- <http://www.criterion.com/current/posts/2288-a-metaphor-for-our-world>
- <http://sensesofcinema.com/2009/book-reviews/the-new-face-of-political-cinema-commitment-in-french-film-since-1995-by-martin-oshaghnessy/>

PORTAIS EM TORNO DO REALIZADOR MATHIEU KASSOVITZ (n. 1967):

- <http://www.imdb.com/name/nm0440913/>
 - http://en.wikipedia.org/wiki/Mathieu_Kassovitz
 - <http://www.mathieukassovitz.com>
- NA ENCRUZILHADA DO CINEMA E DA POLÍTICA:**
- <http://www.criterion.com/current/posts/476-la-haine-kassovitz-vs-sarkozy>
 - <http://www.criterion.com/current/posts/642-la-haine-and-after-arts-politics-and-the-banlieue>